

O irrespirável píncaro da perfeição

*Neyza Prochet**

O homem é o ser capaz de saber o que, por outro lado, é incapaz de saber, de poder em princípio o que é incapaz de poder em realidade, de encontrar-se confrontado ao que justamente é incapaz de afrontar.

Clément Rosset, 1989

Gattaca é um filme de ficção científica realizado em 1997 pelo escritor e diretor americano Andrew Niccols. Embora sua trama parta de uma marca do gênero, que é o uso de uma determinada racionalidade tecnológica – a construção e o controle de relações e organizações sociais justificadas discriminatoriamente por um princípio científico, a eugenia¹ –, o filme também se aproxima do gênero policial. Nele, uma trama de mentiras criada a partir da ocultação de identidades e a ocorrência de um assassinato provocam uma tensão crescente em direção à revelação ou não dos eventos. Paralelamente à trama policial, nos defrontamos com o drama resultante das repercussões éticas que o conceito de eugenia inevitavelmente promove, assinalando os riscos que tal conceito pode oferecer em nossa compreensão de vida ao percebermos que haverá, necessariamente, nessa premissa, aqueles que dela são excluídos.

* Psicóloga e psicanalista, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ), mestre e doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP).

¹ Termo criado em 1883 por Francis Galton (1822-1911), significando “bem nascido”. O autor define eugenia como “o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente”. Fonte: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Eugenia>>. Acesso em: 08 abr. 19.

Para fins de uma contextualização histórica do filme, *Gattaca* foi rodado à época do desenvolvimento do Projeto Genoma Humano, uma pesquisa multimilionária iniciada em 1990 por James D. Watson, que era, na ocasião, chefe dos Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos. O Projeto Genoma Humano envolveu mais de 5 mil cientistas, de 250 diferentes laboratórios, com um orçamento estimado entre US\$ 3 bilhões a US\$ 53 bilhões, de acordo com fontes diversas. Para se ter uma ideia de sua extensão e alcance, em 1999 o Projeto anunciou o primeiro rascunho do genoma humano e em 2001 foi publicado um relatório na revista científica *Nature*, anunciando a cobertura de cerca de 90% do genoma humano. Em 2003, o PGH foi anunciado concluído com sucesso, tendo realizado o sequenciamento de 99% do genoma humano com uma precisão de 99,99%. *Gattaca* se origina nesse cadinho de sucessos científicos. *Gattaca*, segundo a *Wikipedia*,² é um acrônimo, ou seja, é um nome formado pela junção das sílabas iniciais de um grupo de palavras, no caso, da ordenação de uma série de bases nitrogenadas que compõem o DNA – Guanina Adenina Timina Timina Adenina Citosina Adenina. Essa é a primeira de inúmeras referências cruzadas entre o tempo principal e os nomes escolhidos.

A obra foi considerada pela NASA como o filme de ficção científica mais plausível já realizado, tanto que muitas das possibilidades de controle genético ali sugeridas já foram alcançadas, como a investigação na predisposição ao câncer, a escolha do gênero e a seleção de embriões livres de algumas doenças genéticas. É um filme que não obteve uma relevância expressiva ao ser lançado, mas que se tornou *cult* e que tem se beneficiado com o tempo decorrido desde seu lançamento, tornando-se cada vez mais atual.

A história se passa num futuro relativamente próximo, onde as pessoas são selecionadas pela qualidade de seu material genético, categorizadas através dele como válidas ou inválidas – filhos da ciência ou do acaso. O protagonista é Vincent Freeman (Homem Livre?), cujo sonho é trabalhar em *Gattaca* – centro de lançamento de foguetes e viagens interplanetárias –, sonho esse que vem desde a infância e que é impossível por suas condições genéticas não manipuladas. É fácil imaginar o sonho do personagem como uma metáfora da possibilidade de se sonhar e ir além do lugar que fomos alocados ao nascer.

O filme inicia sobriamente, com imagens fragmentadas, em tons azulados. Vemos pedaços humanos, urina, sangue, pele, pelos. Traços humanos são

² <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Gattaca>>. Acesso em: 07 ago. 2018.

removidos e substituídos cuidadosamente por outras partes, também humanas, mas distintas, fragmentos de pele, bolsas de sangue e urina aderidas a um corpo humano. Um homem sério, parecendo cansado, substitui partes de sua fisiologia por outras. Qual o sentido dessas imagens?

Se recordarmos as primeiras cenas da película, teremos duas assertivas:

Vejam a obra de Deus, quem pode endireitar o que ele fez torto? (Eclesiastes, 7:13)

Não apenas acho que devemos interferir na mãe Natureza, como também acho que é isso que ela deseja. (Willard Gaylin)

Na concepção natural, jamais conseguiremos resultados impecáveis em termos genéticos. É legítimo substituí-la? Esta é a base filosófica que irá permear as ações de todos os envolvidos.

Um diálogo entre os pais e o técnico geneticista, mais adiante, retrata este conflito:

Mãe: Não queríamos doenças, claro!

Pai: Mas achamos melhor deixar algumas coisas ao acaso.

Técnico: Queremos dar ao seu filho as melhores condições, acreditem. Já temos imperfeições demais, uma criança não precisa de um fardo a mais.

A fala do técnico parece irrefutável. Temos demasiadas imperfeições e não precisamos de fardos a mais. O ponto é: que fardo a mais é esse? Qual fardo é mais tolerável de ser carregado?

Num determinado momento (19:03), Vincent diz: “A discriminação virou uma ciência”. A ciência é para ser usada como matriz discriminatória? É uma discriminação mais justa do que outras discriminações? Ser imperfeito, falho, suscetível a todas as contingências desta situação ou ser perfeito por obrigação e constituição? Qual o preço a ser pago?

Revedo os parágrafos anteriores me espanto com a quantidade de pontos de interrogação em tão poucas linhas. Penso que esta será a tônica deste comentário. Indagações, muito mais que conclusões. O que é o certo?

A espontaneidade dos pais é vista como uma falha que acarreta problemas, dificuldades e sofrimento para todos. Sua escolha pelo espontâneo é punida com um filho potencialmente doente, vítima de um código genético randômico. Recuam nessa escolha e têm outro filho, este sim, programado e aprovado de acordo com as normas vigentes. É curioso que aquilo que temos de mais pessoal, de mais singular torna-se exatamente aquilo que nos aprisiona em uma categoria e que nos retira, justamente, a identidade como um conjunto de elementos e nos limita a um traço, esse sim, determinante.

Somos apresentados à apologia do controle de Estado, algo que existe e se instala para o benefício de toda a sociedade. Assim, é um dever do cidadão acatar as determinações do Estado na determinação e seleção do que é melhor para o indivíduo.

As cenas iniciais passam a fazer sentido. O filme mostra a luta persistente, metódica, diária e minuciosa de Vincent de provar-se capaz, o que só pode ser feito à custa da renúncia da própria identidade. A luta de Vincent é a luta dos rebeldes e dos insubmissos: a luta por um destino próprio, não pré-determinado por algo externo, como em um destino de castas, mas como resultado de um agir pessoal, de uma escolha individual.

Gattaca é um filme de ficção científica que não apresenta os clichês habituais do gênero. Não há cenários ou novidades tecnológicas futuristas e nem efeitos especiais espetaculares. A marca visual é de sobriedade, com imagens e planos simétricos em tons frios, azulados. As roupas são atemporais, igualmente sóbrias. A escolha dessa estética “limpa” e impecável dá o tom do filme e oferece a ele uma atemporalidade exemplar.

Como resultado, *Gattaca*, mesmo mais de vinte anos depois de sua realização, é uma obra contemporânea que denuncia os riscos envolvidos no uso das informações científicas como instrumento de controle e poder passando pelo preconceito e pelas hierarquias de classe.

Mantém-se atual porque trata de questões centrais para o homem – um animal singular que é capaz de se perguntar sobre si mesmo, de ter consciência de si mesmo: O que eu sou? O que pode me acontecer? O que é possível esperar?

O homem é, segundo Rosset (1989), a única criatura a ter consciência de sua própria morte e da morte de toda coisa, e é também o único a recusar irremediavelmente essa ideia. Daí a necessidade pungente de se saber o máximo possível – tudo, de preferência – para que se possa driblar aquilo que o caracteriza e ameaça – a consciência de si, a consciência da própria humanidade naquilo que ela tem de vínculo com a consciência de mortalidade.

Essa é nossa maior grandeza e nossa maior fraqueza. O conhecimento humano foi sendo adquirido e armazenado ao longo dos tempos com essa finalidade: o reconhecimento de problemas comuns à espécie e a busca de soluções para eles e para tudo aquilo que poderia ser uma ameaça à continuidade da existência, quer os problemas fossem internos ou externos ao homem. A magia, a religião, a filosofia e a ciência são instituições onde um determinado tipo de saber é propagado, ou seja, onde um determinado olhar sobre as coisas, uma forma de testemunhar, medir e interpretar o que é apreendido é transmitida para a posteridade.

Na Era Moderna, século XX, o conceito do Novo Homem nas culturas ocidentais valorizava a Razão, e a Ciência substituía a religião na função de ancoragem para identificações, ligações com a cultura, com os outros homens, presente e passados, dando-lhes uma ilusão de pertencer a algo maior, de ter atingido, através da busca da Verdade, a essência final – algo que é mantido intocado pelas experiências de vida, em qualquer lugar, a qualquer tempo, fugindo a qualquer regra condicionante.

Ora, se estamos falando de buscar atingir alguma coisa que seja totalizante, universal – é o conhecimento humano ou o divino que está sendo almejado?

Essa é a premissa apresentada no livro *Homo deus* (2016), do historiador Yuval Noah Harari, que considera que, no século XXI, depois de vencer a fome, a doença e a guerra, o *homo sapiens* terá como meta a imortalidade, a felicidade e a divindade – a transformação de *homo sapiens* e *homo deus*.

Gattaca antecipa o que Harari discute em seu livro vinte anos mais tarde – a hipervalorização dos fatores biológicos em um determinismo neurogenético e em detrimento dos demais vetores psicológicos, sociais e culturais na construção do existir humano. Premonitoriamente, o filme denuncia uma fonte de verdade, tida como incorruptível, o dataísmo – um sistema em que os dados processados por técnicas e máquinas são a única fonte de verdade e destino de um indivíduo. Ter poder é poder ter dados e poder sobre esses dados. O paradigma do dataísmo é cotidianamente subvertido por Vincent em sua rotina camaleônica.

Quem diz o que você é? O que diz quem você é? Suas células? Sua cor? Sua profissão? Sua nacionalidade ou condição financeira? Sua família? É razoável que o material genético ou qualquer característica específica se torne um padrão de catalogação e que, mais que isso, venha desta ou de qualquer característica o valor que imputamos a uma pessoa?

Vale lembrar aqui o conceito de castas³ – um sistema tradicional, hereditário ou social de estratificação, ao abrigo da lei e com base em classificações como a raça, a cultura, a ocupação profissional, a religião etc. É uma palavra que deriva do sânscrito (língua antiga falada na Índia) e que significa “cor”. Além do uso antropológico, casta é usada na biologia para definir um grupo de indivíduos que pertencem a uma espécie animal ou vegetal e que possuem características semelhantes, transmitidas por hereditariedade. Também usado na viticultura, casta é uma variedade que produz uvas com características específicas ou semelhantes.

³ <<https://www.significados.com.br/casta/>>

O que depreendemos a partir dessas definições? Casta é um conceito relacional, contendo as características individuais de seus elementos e também indo além delas. Metonimicamente, dentro do sistema de castas, uma característica substitui o todo.

Louis Dumont⁴ fala que “no mundo das castas o ser está na relação e os dois pólos da relação não têm estatuto ontológico independentemente um do outro”, ou seja, uma identidade só pode ser estabelecida em contraposição a outra identidade – só posso ser bom se há alguém mau ou só posso ser válido se há o grupo dos inválidos, como na sociedade de *Gattaca*. Qualquer semelhança com o que acontece hoje em dia NÃO é mera coincidência. Na dança das cadeiras/castas da atualidade, observamos a manutenção de uma hierarquia de estratos em desigualdade. Eles são organizados em superiores e inferiores, estabelecidos em padrões dinâmicos que se sustentam e apenas subsistem sob o regime do dualismo bom/mau.

A estrutura permanece a mesma e a casta que estiver em ascensão, em vez de se opor aos modos de relação vigentes até então, busca reproduzir o modo de agir que era considerado como superior pelos que a antecederam, numa reprodução clássica de identificação com o agressor (DUMONT, 1989, 1992).

Barros me auxiliou na compreensão das noções de igualdade, diferença e desigualdade.

Para o autor, igualdade e diferença dizem respeito à essência de algo, no todo ou em parte. Algo é igual ou é diferente de outro, de uma forma clara, onde a oposição entre igualdade e diferença diz respeito a duas essências que se opõem e que são contrárias.

Já na relação entre igualdade e desigualdade, a diferença não reside na essência, mas a uma circunstância que fica associada a uma forma de tratamento diferenciada, onde um tem mais ou menos privilégios que o outro e isso pode ocorrer independentemente dos elementos serem iguais ou diferentes em sua essência. Barros fala que a oposição entre igualdade e desigualdade é da ordem das contradições, e que isso é um processo histórico relacionado a um momento ou a uma situação onde “os pares contraditórios integram-se dialeticamente dentro dos processos que os fizeram surgir” (BARROS, p. 2).

⁴ LOBATO, Josefina Pimenta. “O estruturalismo de Lévi-Strauss e o sistema de castas indiano”. *ComCiência*, Campinas, n. 114, 2009. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542009001000010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 ago. 2018.

O estabelecimento da identidade humana é um processo cultural e simbólico a partir de diversos enraizamentos. Os membros de um grupo em particular, como aqueles ligados por gênero, faixa etária, estrato social, etnia e religião, possuem uma extensa rede de articulações tanto na linguagem quanto nas crenças partilhadas. Num plano ainda mais geral é estabelecido um outro tipo de identidade, mais ampla, que se superpõe, cobrindo, de uma certa forma, todas, numa pretensão universalista. Poderia chamar de uma identidade política do homem, ligada intimamente às condições sociopolíticas da época.

Lembremos que o século XXI é vivido em um mundo globalizado, o que torna o manejo das diferenças uma experiência particularmente difícil e penosa. A globalização, na medida em que dissolve fronteiras e diferenças, dificulta o encontro e o reconhecimento de limites que sejam reais o bastante para oferecer uma resistência sólida.

Grande parte de nossa vida fica subordinada à necessidade de termos relações estáveis e confiáveis. Tentamos estabelecer normas e padrões que sinalizem antecipadamente a qualidade dessas relações, procurando categorizar pessoas e experiências em certas, erradas, saudáveis, neuróticas, boas, más ou perversas. O problema é que essa normatização é ligada a fatores idiossincráticos, localizados, culturais, subordinados a uma época, não se prestando, na maior parte das vezes, a generalizações.

Funciona maravilhosamente bem enquanto lidamos com abstrações, mas falha quando trata de seres humanos que não podem prescindir de valores singulares, de significados únicos que ofereçam referências à sua experiência. As dimensões individuais, particulares, étnicas e religiosas ficam subordinadas, anuladas nesse ponto abstrato das identidades de grupo, das castas e das categorias.

Quanto mais se muda, mas se é a mesma coisa, diz o ditado francês. Não existe novidade em um mundo com lugares rigidamente segregados, onde a discriminação é a palavra de ordem, onde ela é legitimada e estimulada por alguma instância da cultura, seja por razões religiosas, econômicas ou mesmo pela ciência. Os modos de relação entre os homens não costumam mudar. Mudam, sim, na maior parte das vezes, os pares contraditórios de igualdade e desigualdade. A organização social do filme divide a população entre dois grandes grupos: aqueles com potencial, os válidos, e os sem potencial genético, os inválidos, sem valor de investimento, tal qual produtos recusados pelo controle de qualidade por causa de defeitos de fabricação, as falhas genéticas.

No filme, o estabelecimento das identidades e potencialidades não acontece através do encontro humano e da comunicação interpessoal, mas através de fragmentos, de evidências físicas, numa interação controlada, hierárquica e

distanciada. A abstração normativa impede o reconhecimento de que há um outro à sua frente e que ele é diferente, um fato irreduzível.

Bauman (1999, p. 17) nos lembra que “o encontro da alteridade é uma experiência que nos coloca em teste. Dele pode nascer a tentação de reduzir a diferença à força, mas é deste encontro que é gerado o desafio da comunicação, com um empenho constante e renovado”. Comunicar-se é poder ter reconhecida sua particularidade e, ao mesmo tempo, compartilhar.

Anton e Irene são personagens que dão sentido à temática discutida. Aqueles capazes de denunciar a mentira são os que também foram capazes de reconhecer uma verdade que está além do detalhe físico.

Como nas histórias policiais, as pistas iniciais já nos davam uma ideia de seu desfecho. Vincent, que fora fadado ao fracasso, faz jus a seu sobrenome, Freeman. É salvo pela fala da mãe, que o autoriza a ser alguém com escolha própria. Melhor destino que o de Jerome Eugene, a criança destinada ao sucesso e que tem seu nome escolhido em alusão óbvia à ideia de eugenia. A Eugene não havia outra opção além do sucesso. No entanto, a fatalidade se apresenta e o imponderável é soberano. *Para os geneticamente superiores o sucesso é mais fácil, mas não é garantido com certeza. Afinal, não há um gene para destino (23’37”)*.

O final da trama é coerente com a fala enunciada em seu início e ironiza os esforços da Ciência em prever o futuro de um ser humano baseado em evidências físicas. Quando a vida de Jerome e a de Vincent tomam caminhos distintos e Jerome nada mais pode oferecer ao mundo que legitime seu lugar de valor social, nem mesmo as evidências corporais antes tão úteis, o suicídio é um caminho coerente. Deixa material genético suficiente para o retorno de Vincent e lança-se ao incinerador. Não há mais lugar para Jerome existir.

A Ciência, assim como o homem, está sujeita ao tempo. O acesso à realidade é sempre incompleto, pois a relação entre o homem e o meio é sempre estabelecida de forma subjetiva e a chamada realidade externa será inevitavelmente abordada de forma circunstancial e apreendida através do viés de interioridade daquele que com ela interage. Atualmente, é mandatório não renunciar à Ciência, mas renunciar à Ciência como religião, como fonte de conhecimento, controle e poder.

Sim, reconhecer a impossibilidade de controlar tudo, de saber tudo, promove uma profunda sensação de desamparo. As crenças, os dogmas, as leis são extremamente reconfortantes – representantes parentais – nos quais investimos poder e autoridade a fim de nos consolar e proteger de nossa própria impotência, mas cobram um preço alto – a perda do singular, do subjetivo, do único, do que escapa.

É constitutivo do homem o questionamento permanente e pulsante sobre as questões do existir, o que diferem são apenas as maneiras como as perguntas são formuladas e os modos das respostas são buscadas. O dilema básico é e continua a ser o de buscar e construir vínculos consigo mesmo e com seu entorno para que sua existência possa ter continuidade e sentido próprio. Para tal, urge que se perceba a importância das relações não exclusivas entre as diversas facetas do existir, seja entre a fantasia inconsciente e o contato com a realidade, entre o sonho e a dor, entre o possível e o impossível, a conquista e a frustração, entre o peregrino e o imortal. O que não é possível é renunciar à condição humana – não fomos nem seremos deuses, mas humanos que criam deuses sonhando em ser um deles.

Nossa condição humana não é uma falha que precisa ser extirpada da investigação científica ou da vida, mas é algo que, se reconhecido como parte inerente do processo de conhecimento e do viver, nos revitaliza e nos impulsiona ao devir. Mais que isso, não nos cabe, como Ricardo Reis nos faz lembrar em seus versos:

Não consentem os deuses mais que a vida.
Tudo pois, recusemos, que nos alce
A irrespiráveis píncaros,
Perenes sem ter flores.

Abril de 2019

Neyza Prochet
neprochet@gmail.com
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

- BARROS, J. A. *Igualdade, desigualdade e diferença: três noções em diálogo*. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/6683755-Igualdade-desigualdade-e-diferenca-tres-nocoos-em-dialogo.html>>. Acesso em: 10 ago. 2018.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1999.
- DUMONT, L. *La civilización india y nosotros*. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

_____. *Homo hierarchicus*: o sistema de castas e suas implicações. São Paulo: EDUSP, 1992.

HARARI, Y. N. *Homo deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

REIS, R. *Odes*. Disponível em: <<https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/08/Poemas-Completo-de-Ricardo-Reis.pdf>>.

ROSSET, C. *O princípio da crueldade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.